



# O sentido moral do Mistério Pascal: nas eucologias do Missal Romano

The moral sense of Paschal Mystery: in  
eucologies of Roman Missal

*Fabio de Souza Balbino\**

PUC-Rio

*Wagner Augusto Moraes dos Santos\*\**

PUC-Rio

Recebido em: 01/03/2023. Aceito em: 25/05/2023.

**Resumo:** *Por que precisamos fazer penitência por quarenta dias antes de celebrar a Páscoa? A resposta a esta pergunta pode se dar de maneira histórica ou a partir de um entendimento mais profundo sobre a relação entre teologia litúrgica e moralidade. A proposta deste artigo é apresentar o significado moral do termo mistério pascal e depois pretende-se verificar entre a abordagem litúrgica e a abordagem moral da questão. Por isso o artigo se divide em duas partes: a primeira se destina a descrever a teologia do mistério e a teologia da celebração para conseguir extrair qual seja o significado da expressão. Posteriormente, pretende-se analisar o significado do sintagma ‘mistério pascal’ nos seus diversos usos no Missal de 1970.*

**Palavras-chave:** *Mistério; celebração; Páscoa.*

**Abstract:** *Why do we need to do penance for forty days before celebrating Easter? The answer to this question can be given in a historical way or from a deeper understanding of the relationship between liturgical theology and morality. The purpose of this article is to present the moral meaning of the term paschal mystery and then, by means of an independent method, it is intended to check between the liturgical and the moral approach to the question. For this reason, the article is divided into two parts: the first is intended to describe the theology*

---

\* Doutor em Liturgia (Pontifício Instituto Litúrgico Sant’Anselmo, Roma, 2020). Professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

E-mail: fbalbinorj@gmail.com.

\*\* Doutor em Teologia Moral (Universidade de Navarra, Pamplona, Espanha, 2022). Professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

E-mail: wagner190989@gmail.com.





*of mystery and the theology of celebration in order to be able to extract what the meaning of the expression is. Afterwards, it is intended to analyze the meaning of the synonym "paschal mystery" in its various uses in the 1970 Missal.*

**Keywords:** *Mystery; celebration; Easter.*

## Introdução

Em 2016, o monge beneditino Patrick Regan publicou um estudo sobre a centralidade do Mistério Pascal no Missal de Paulo VII. Nesse artigo, Regan fez uma breve abordagem histórica sobre o processo de inserção do termo *mistério pascal* no missal de 1970. Conforme suas observações o tema foi recuperado pela Igreja no século XX por Lambert Beauduin e Odo Casel. O primeiro o fez com a publicação da obra *Le mystère pascal vécu* (1923) e o segundo com o ensaio *The Pasch of Lord, his death and exaltation is the mystery of redemption proper, the high point of God's Plan* (1927). Em 1955, Pio XII restaurou o ordinário da semana santa e considerou a Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo como o *mistério principal da nossa redenção*<sup>1</sup>. Em 1969, Paulo VI emitiu as *normas universais para o ano litúrgico e o calendário geral Romano* que declarava o *Tríduo Pascal* ser o ponto mais elevado de todo ano litúrgico<sup>2</sup>. Regan concluía seu estudo dizendo:

*O tríduo celebra o mistério pascal, a quaresma prepara para ele, iniciando na Quarta de Cinzas, e o tempo da Páscoa o estende por 50 dias, enriquecendo-o com a subida do Senhor e a descida do Espírito. Essa visão pascal abrangente, que conecta a Quarta Feira de Cinzas à Pentecostes através do Domingo de Ramos o Tríduo, é uma das glórias do Missal de Paulo VI<sup>3</sup>.*

A visão abrangente apresentada por Regan traz-nos questões que ultrapassam âmbito litúrgico e atingem a esfera da teologia moral e espiritual. A razão disto está no dado de que o tempo da quaresma é marcado pelas práticas ascéticas da *esmola, do jejum e da oração*. Porém, não é evidente que estejam relacionadas práticas ascético-morais e a celebração do mistério cristão. Em outras palavras, por que a celebração

<sup>1</sup> TUZIK, R.; RINDENKNEHRT, J. *et al. The Liturgy Documents: Foundational Documents on the Origins and Implementation of Sacrossanctum Concilium* v. 3. Chicago: Liturgy Training Publications, 2013. p. 166.

<sup>2</sup> PAULO VI. *Carta Apostólica sob a forma de Motu Proprio Mysterii Paschalis*. n. 1.

<sup>3</sup> REGAN, P. *The Centrality of the Paschal Mystery in the Missal of Paul VI*, p. 138.



do mistério pascal exige 40 dias de penitência em preparação? Não seria mais fácil simplesmente celebrar o ato de culto sem a necessidade de alteração moral?

A resposta a essas perguntas está diretamente vinculado ao entendimento de qual seja o significado moral da celebração do Mistério Pascal. Buscar o sentido moral de algo sempre corre o risco de gerar uma moralização desnecessária sobre um tema. Isso acontece quando os critérios de uma disciplina invadem o ramo da outra ignorando suas próprias fontes. Para evitar esse equívoco, a resposta aqui buscada deve passar por duas etapas: análise do significado da expressão ‘celebração do mistério pascal’ na sua relação com a salvação eterna e análise dos sentidos em que o sintagma mistério pascal aparece no Missal de 1970. A convergência de duas abordagens independentes serve para evidenciar a existência de uma relação intrínseca entre as duas. A proposta aqui é tentar garantir que, na busca do significado moral do termo “mistério pascal”, evite-se moralizações extrínsecas a estrutura mesma da teologia litúrgica.

Para realizar tal tarefa, este artigo será dividido em duas grandes partes. A primeira delas se dedicará a investigar o significado teológico moral do termo “celebração do mistério pascal”. O objetivo dessa parte é apresentar uma teologia do mistério e uma teologia da celebração. A segunda parte se dedicará a fazer um estudo crítico dos sentidos e das ocorrências do vocábulo *mysterium paschale*, no Missal.

## 1 O significado teológico do termo “celebração do mistério pascal”

Para responder à pergunta sobre a necessidade de se preparar para a celebração do mistério pascal, é importante entender qual seja o referente real a que a expressão se reporta. A palavra *páscoa* sabemos referir-se a *paixão, morte e ressurreição de Cristo*. Contudo, resta entender o significado teológico da expressão *mistério* e o sentido moral da palavra *celebração*. Em primeiro lugar, para o entendimento sobre o mistério nos basearemos na dissertação de mestrado publicada pela PUC-Rio sobre a teologia do mistério<sup>4</sup>. Posteriormente para a compreensão sobre o significado moral da celebração, consideraremos o texto de Pieper sobre

<sup>4</sup> FINELON, V. *A teologia do mistério: aspectos bíblico-patristicos, teológico-litúrgicos e magisteriais*. Dissertação do departamento de teologia (24/06/2016). Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26825/26825\\_3.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26825/26825_3.PDF). Acesso em: 4 jan. 2023.



a filosofia da festa<sup>5</sup>, um ensaio de Ratzinger sobre teologia litúrgica<sup>6</sup> e o significado moral da celebração litúrgica em Santo Tomás de Aquino.

### 1.1 Sobre o mistério

Para explicitar o significado do termo grego *mysterion* vamos apresentá-lo a partir da sua *concepção etimológica*, do seu uso no *mundo extrabíblico*, da sua concepção *na Sagrada Escritura* e do seu uso na *teologia patrística* nascente.

A palavra *mysterion* é formada pelo verbo *myo* (fechar boca ou olhos) e o sufixo *-térion* (lugar onde se deve fazer algo), daí sugere-se o sentido de *mysterion* como o *local onde se deve guardar silêncio*. Além dessa aceção, há termos correlatos como o verbo *myein* (iniciar alguém nos mistérios), o substantivo *mystés* (aquele que é iniciado) e o adjetivo *mystikós* (aquele que se refere aos mistérios)<sup>7</sup>. A expressão *mysteria* era usada para referir-se às “*religiões de mistério*”.

Essas religiões se distinguem das religiões oficiais em função da sua finalidade, “os cultos orientais tinham como objetivo atender as necessidades de proteção do indivíduo, ao contrário dos cultos oficiais que visavam somente manter o dever cívico de proteção do estado.”<sup>8</sup> Sobre a religião dos mistérios, dizia Sanzi:

*O atributo “mistérico” refere-se a uma estrutura ritual bem individuada de tipo esotérico e iniciatório por força do qual os homens participam emotivamente da vicissitude dolorosa das divindades que asseguram um bom viver nesta vida e numa perspectiva beata pós-morte. Essas divindades orientais, portanto, particularmente graças a tal evolução tornam-se capaz de prometer as “boas esperanças” para aqueles que, iniciados nos cultos, reivindicuem para si o mundo dos mortos<sup>9</sup>.*

<sup>5</sup> PIEPER, J. *Una teoría de la fiesta*. RIALP: Madrid, 1974.

<sup>6</sup> RATZINGER, J. *La fiesta de la fe: Ensayo de teología litúrgica*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1999. p. 2.

<sup>7</sup> CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Histoire de mots. Paris: Éditions Klincksieck, 1968. p. 728-729. LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. (org.). *A Greek-English lexicon*. Oxford: Clarendon press, 1996. p. 456.

<sup>8</sup> BEZERRA, H. R. F. “Religião oficial e os cultos de mistério: questões sobre a religião romana e os cultos orientais”. *XVII semana de História UECE: História, Teoria e Metodologia: Entre práticas e saberes*. p. 6. Disponível em: <http://www.uece.br/eventos/xviiemanadehistoriauece/anais/trabalhos.html>. Acesso em: 4 jan. 2023.

<sup>9</sup> SANZI, E. *Cultos Orientais e Magia no Mundo Helenístico-Romano: Modelos e Perspectivas Metodológicas*. Organização e Tradução: Silvia Márcia Alves Siqueira. Fortaleza: EDUECE, 2006. p. 38.



Ainda na descrição do que sejam as religiões de mistério, vale ressaltar a definição de Walter Burkert que entendia os mistérios como uma forma de religião pessoal que depende da decisão privada e aspira alguma forma de salvação através da aproximação do divino<sup>10</sup> e o parecer de Mircea Eliade ao dizer que a originalidade dessas religiões era a promessa de salvação<sup>11</sup>. A partir da compilação de Finelon, pode-se concluir que existem quatro características básicas que marcam uma religião de mistério: *a existência de um complexo ritual que leva o fiel a se aproximar da vida do deus, um ritual de iniciação, um sentido soteriológico-escatológico e a imposição do silêncio*<sup>12</sup>.

Embora haja certa semelhança entre as religiões místicas e o judeo-cristianismo dos primeiros séculos, é especialmente importante notar que o binômio fê-salvação nessas religiões tinha um senso completamente diferente da fé em Israel. Burkert já mencionava o dado de que *'fé' e 'salvação' na religião mística não implicava 'conversão'*. Os atos de culto estavam dentro das categorias de *suprimentos úteis* e não eram entendidos como um substitutivo dos cultos que eram realizados na cidade. Nas palavras de Burkert, “a religião votiva é mais bem de caráter experimental: alguém pode perfeitamente provar várias possibilidades para encontrar o recurso realmente eficaz”<sup>13</sup>.

Essa dimensão cültico-religiosa do termo *mystérion* é acrescida a dimensão gnosiológico-ontológica na filosofia de Platão. Conforme o platonismo, o mistério não reside no culto realizado, mas sim no conhecimento que o homem alcança através da realidade simbólica. Os gnósticos, por sua vez, uniram a dimensão cültico-religiosa com os aspectos gnosiológico-ontológicos neoplatônicos e consideraram o mistério como o segredo que está debaixo do mito fundador do culto<sup>14</sup>.

No Antigo Testamento, o termo *mystérion* traduzia na Bíblia Hebraica os termos *sôd* (hebraico) e *raz* (Aramaico). Em sentido concreto,

<sup>10</sup> BURKERT, W. *Cultos místéricos antiguos*. Madrid: Trotta, 1987. p. 31.

<sup>11</sup> ELIADE, M. *História das Crenças e das Ideias Religiosas*. Tomo II. Volume II. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1983. p. 42.

<sup>12</sup> FINELON, V. H. *A teologia do mistério: aspectos bíblico-patristicos, teológico-litúrgicos e magisteriais*, p. 15-17.

<sup>13</sup> BURKERT, W. *Cultos místéricos antiguos*, p. 34.

<sup>14</sup> FINELON, V. H. *A teologia do mistério: aspectos bíblico-patristicos, teológico-litúrgicos e magisteriais*, p. 17-19.



o termo *sôd* significa *reunião de pessoas (assembleia)*<sup>15</sup>. Em uma perspectiva henoteísta, a expressão se refere ao conselho dos deuses onde Adonai tem primazia no juízo (Sl 89, 7: “temível é Deus na assembleia dos seus santos, é mais terrível do que todos os deuses”). Após o exílio, com a compreensão mais profunda da fé monoteísta, o termo *sôd* passou a significar participação dos justos nos juízos divinos (Am 3,7: “O Senhor não faz nada sem revelar seu segredo (*sôd*) a seus servos, os profetas”). A *sôd* de Deus não tem o sentido apenas da reunião propriamente dita, mas também indica a finalidade para que um conselho se reúne: *deliberar os planos de ação de um grupo*. Assim, a expressão foi usada profanamente para indicar plano (cf. Pr. 15, 22), decisões de caráter político (cf. Pr 11, 14) e projetos dos inimigos de Israel (cf. Sl. 83, 54). Contudo, quando a expressão se refere ao *conselho de Deus*, reporta-se, então, ao seu *plano de salvação para o homem*<sup>16</sup>.

Nos Escritos gregos do Antigo Testamento, a palavra *mystérion* se apresenta de três formas: como sinônimo dos cultos de mistério (cf. Sb 14, 15.23), como resolução real e secreta de guerra (cf. Jt 2,2; 2Mc 13, 21) e como a visão mística de Nabucodonosor (cf. Dn 2, 18.27-30.47). As duas primeiras acepções referem-se respectivamente à noção extra-bíblica do termo e ao uso profano da expressão *sôd*. A terceira, contudo, é especialmente importante, pois considera *mystérion* como sinônimo de *revelação que Deus faz acerca dos eventos que conduzem a história ao seu fim*<sup>17</sup>. A partir disso, a palavra *mystérion* torna-se sinônimo de *Revelação de um mistério incognoscível para o homem*.

A noção de mistério como Revelação gera aquilo que Voegelin chamou de *salto no ser*, pois retira o homem da *perspectiva cíclica* e o leva para *perspectiva histórica*<sup>18</sup>. Chama-se ordem cíclica a ideia de que a vida humana está diretamente regida pelos ciclos da natureza de tal forma que o futuro será ciclicamente igual ao passado enquanto houver equilíbrio na sociedade. Nessa visão, os mistérios são segredos da natureza que agradam aos deuses e os incita a realizar os desejos que

<sup>15</sup> FABRY, H. J., “sôd”. In: BOTTERWECK, J. G.; RINGGREN, H.; FABRY, H. J. (org.). *Theological dictionary of the Old Testament*. Michigan: W. M. B. Eerdmans publishing company, 1974, p. 171-178.

<sup>16</sup> FINELON, V. H. *A teologia do mistério*: aspectos bíblico-patristicos, teológico-litúrgicos e magisteriais, p. 21.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 22.

<sup>18</sup> VOEGELIN, E. *Order and History*, v. 1, p 1-13.



necessitamos, a saber, prosperidade para a cidade (nos cultos públicos) e proteção pessoal (na devoção privada). A perspectiva histórica mono-teísta judaica altera o processo, pois enuncia que os eventos que dirigem a história estão regidos por Deus, que é absolutamente transcendente em relação a ordem cósmica. Os segredos do futuro só podem ser descobertos pelo homem se Deus lhes revelar através de seus profetas. Por essa razão, Ratzinger dizia que o monoteísmo “é a coragem de se entregar ao poder que domina o universo sem manusear o divino”<sup>19</sup>.

No Novo Testamento, pode-se distinguir dois usos do termo *mysterion*: nos Evangelhos e nas cartas paulinas. Nos Evangelhos, a palavra aparece no contexto em que Jesus explica as Parábolas do Reino (cf. Mc 4, 11; Mt 13, 11; Lc 8, 10). Nesses textos paralelos dos sinóticos, Cristo diz aos seus apóstolos que lhes foi dado conhecer os *mysteria* do Reino. É importante perceber o que Jesus fala sobre o Reino de Deus nas parábolas, pois nisso encontra-se o grande *mysterion* revelado no Novo Testamento. Conforme se lê na Escritura, Cristo ensina que o semeador é o que propaga a Palavra (cf. Mc 4, 14), diz que o Reino de Deus é como aquele que planta uma semente (i. e. um semeador) (cf. Mc 4, 26), diz que o Reino é como a semente (cf. Mc 4, 31) e, por fim, diz que o semeador de boa semente é o Filho do Homem (cf. Mt 13, 37). Vale a pena ressaltar as dimensões personificadas do Reino de Deus, pois o Reino tem palavra (cf. Mt 13, 19) e discípulos (cf. Mt 13, 52). Como indicava Bento XVI, as palavras são como um “convite escondido e disposto em diversas camadas para a fé n’Ele como Reino de Deus em pessoa”<sup>20</sup>. Desta forma, os *mistérios do Reino de Deus* escondidos nas parábolas e que os apóstolos receberam a graça de compreender são aspectos variados do mesmo e único *mistério do Verbo Encarnado*.

A teologia paulina explorou muito o termo mistério como sinônimo de revelação tal como na apocalíptica judaica. De modo que, o *mysterion* é o plano salvífico de Deus permanecido em segredo dos homens até o advento de Cristo que nos revelou a verdade última sobre a existência humana<sup>21</sup>. A atualização desse mistério na história humana realiza-se na união de judeus e gentios no único corpo de Cristo (Ef 3). Esse corpo é a Igreja e, através dele, o mistério de Deus se torna conhecido no mundo (Ef

<sup>19</sup> RATZINGER, J. *Introducción al cristianismo*. Salamanca: Sígueme, 1970. p. 85.

<sup>20</sup> RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré: desde o batismo até a Transfiguração*. São Paulo: Planeta, 2009. p. 169.

<sup>21</sup> SCHULTER, R., *op. cit.*, p. 58.



3, 10; Cl 4,3). O ingresso na Igreja se dá pela recepção do batismo, com o qual o fiel morre com Cristo para ressuscitar com Ele (cf. Rm 6, 6-8).

Sobre o uso do termo *mysterion* nos textos patrísticos mais antigos, resume bem o dito por Finelon:

*Nos escritos patrísticos mais antigos encontramos quatro entradas do termo mysterion – Did. 11,11; Ign. Eph. 19,1; Ign. Mg. 9,1; Ign. Tr. 2,3. Nestes textos aparece o uso mais primitivo do termo pela teologia patrística. Pois, para Inácio de Antioquia e o autor da Didaqué, mistério está em continuidade com a tradição bíblica. O termo se refere à ação de Deus Pai em Jesus Cristo para salvar os homens na história. No texto da Didaqué (11,11), o termo aparece ligado à Igreja, afirmando-a como a presença da salvação de Deus, operada em Cristo. Os profetas verdadeiros anunciam a Cristo pela virtude eclesial, ou seja, a Igreja é a portadora da mensagem salvífica, e os que anunciam a salvação o fazem por ela<sup>22</sup>.*

A partir do século IV, o termo *mysterion* também começa a referir-se ao contexto cultural dos ritos de iniciação cristã e, posteriormente, ao sacramento do Batismo e da Eucaristia propriamente. Neste século, já se pode listar as dimensões da teologia do mistério pelas seguintes notas características: 1) a história é o lugar da Revelação divina; 2) a fase atual em que se encontram os cristão (tempo da Igreja) é um prolongamento da presença e da obra de Cristo no mundo; 3) o mistério divino no tempo da Igreja se manifesta na espiritualidade cristã; 4) a espiritualidade cristã era um processo que durava toda a vida desde as celebrações do ritos de iniciação cristã até o dia da morte<sup>23</sup>; 5) o caminho espiritual era centrado na leitura espiritual da Sagrada Escritura, na Eucaristia dominical e na vida quotidiana pelos preceitos evangélicos<sup>24</sup>.

Essa compreensão dos sacramentos como mistérios apresenta uma amplitude maior do senso do que seja a celebração de um rito litúrgico. Desde essa perspectiva da teologia do mistério, o culto celebrado é uma parte da espiritualidade cristã, tal espiritualidade representa uma *etapa do Mistério de Cristo e se realiza através da leitura da palavra, do culto*

<sup>22</sup> FINELON, V. H. *A teologia do mistério: aspectos bíblico-patrísticos, teológico-litúrgicos e magisteriais*, p. 37.

<sup>23</sup> SPIDLIK, T. *La espiritualidad del oriente cristiano*. Burgos: Monte Carmelo, 2004. p. 53-59.

<sup>24</sup> SPIDLIK, T. "Mística". In: DI BERARDINO, A. (org.). *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 946-947.



*litúrgico e da vida moral.* A origem dessas três dimensões remonta o tempo dos Atos dos Apóstolos onde os cristãos “perseveravam na doutrina dos apóstolos e na fração do pão, nas reuniões em comum e na oração” (At. 2, 42). Isso significa que não havia uma separação radical entre vida moral, conhecimento da doutrina e celebração litúrgica, essas três coisas juntas faziam parte da celebração do único mistério de Cristo.

Diante dessa explicação, é possível perceber que a grande dificuldade para o fiel do século XXI em compreender a razão da penitência quaresmal, deve-se ao fato de que, com o passar dos séculos, as três dimensões da espiritualidade cristã foram se separando gradativamente, isto é, moral, liturgia e bíblia passaram a pertencer âmbitos tão diversos que a relação entre eles pode parecer, inclusive, sem sentido. Diversamente, dá-se quando se considera o rito litúrgico desde a perspectiva da teologia do mistério supracitada. Por meio da teologia do mistério, torna-se mais clara a relação entre prática penitencial e a adequada celebração dos mistérios, pois a intrincada relação Palavra, Liturgia e Moral leva o fiel a compreender que a participação frutuosa da celebração do mistério está em estreita relação com a compreensão e a vivência que ele tem do mistério cristão vivido na sua integralidade. Ademais, desde a perspectiva ritual antiga, todo fiel batizado adulto passava pelo processo catecumenal que consistia basicamente no trabalho de abandonar o pecado para poder receber o batismo e, então, fazer parte integralmente do mistério cristão em todos os seus aspectos. O tempo quaresmal, nesse aspecto, é uma espécie de lembrança do período catecumenal. Desta vez, não mais para ser batizado, mas para poder participar da Eucaristia de forma mais perfeita. Em suma, *os atos litúrgicos celebrados são a participação no mistério de Cristo e tal participação supõe fé e vida, por isso a preparação moral para a celebração do Mistério de Pascal não poderia ser considerada algo fora de lugar.*

## 1.2 Sobre a celebração

A palavra *celebração* vem do latim *celeber* que significa algo grandioso por causa da concorrência de pessoas, dos cortejos e das procissões<sup>25</sup>. O uso da palavra atualmente pode ser entendido em dois sentidos: vulgar ou filosófico. No sentido vulgar, a palavra é tratada como

<sup>25</sup> SODI, M. “Celebração”. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (org.). *Dicionário de Liturgia*. Trad.: Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1992.



sinônimo de festa, tal como é a celebração do aniversário ou da vitória de um time de futebol. Considerando apenas o sentido vulgar da palavra celebração, não seria difícil tratá-la apenas como uma pausa no trabalho para se divertir. Sobre esse aspecto, é difícil distinguir *celebração* e *jogo* (brincadeira); afinal, tanto a partida de futebol com os amigos, quanto a festa de aniversário se prestam praticamente as mesmas finalidades. Se a palavra celebração for tomada nesse sentido, então há contradição entre a teologia que entende os sacramentos como *causa instrumental da graça* e a que os considera como *celebração da fé*.

Por outro lado, ao considerar a festa como conceito filosófico, percebe-se que a situação é bem diferente, pois não é qualquer pausa no trabalho que se pode chamar festa. Conforme Josef Pieper, o trabalho é uma dimensão da vida humana que inclui felicidade e fadiga corporal, quando se perde o sentido do trabalho que se está realizando já não se está *realizando* o que se *faz* e, por conseguinte, a tarefa se torna um *pseudo-trabalho*. A mesma coisa acontece com as celebrações. As festas *sem sentido* servem apenas para passar o tempo e, por isso, são pseudo-festas, pois não são a expressão da alegria de viver, mas sim expressão do horror do tédio e do vazio<sup>26</sup>. Por isso, dizia Pieper

*Celebrar uma festa significa, portanto, fazer algo livre de toda relação imaginável com um fim alheio e de todo “por” e “para”. A verdadeira festa não pode se instalar em nenhum outro lugar fora do terreno da atividade com sentido próprio. Portanto, quem não souber responder absolutamente nada à pergunta: que é uma atividade cheia de sentido? Tampouco se encontraria em condições de captar em plenitude o conceito de festa<sup>27</sup>.*

A atividade que é *fim em si mesma* e *cheia de sentido* é a *contemplação* com a qual cada um é capaz de ver intelectualmente os fundamentos divinos da realidade. Celebrar, desse modo, é fazer-se contemplativo e tomar contato com Deus que dá sustentação ao mundo e à existência humana<sup>28</sup>. Pieper mostra a relação entre *contemplação* e *celebração* a partir de um texto de Santo Tomás que diz:

*Arg. 1: Parece que foi inconveniente preceituar a observância do sábado. O sábado é a sétima parte de toda a vida do homem. Parece claramente*

<sup>26</sup> PIEPER, J. *Una teoría de la fiesta*. Madrid: RIALP, 1974. p. 5.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 10.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 19.



*irracional que o homem perca a sétima parte da sua vida no ócio, como disse Seneca desdenhando das cerimônias dos Judeus, segundo o que Agostinho narra no Livro sobre a Cidade de Deus. Portanto, preceituar a observância do sábado foi irracional.*

Ad I: O tempo do sábado não é perdido, se se realiza no sábado aquilo para que foi instituído, isto é, para a contemplação das coisas divinas. Mas, porque os Judeus em omissão às [tarefas] divinas vagavam nos sábados nas coisas mais inúteis, Seneca os ironizou, como dizia Lm. 1, 7: “os estrangeiros a viram e desdenharam os seus sábados”<sup>29</sup>.

O que dá o caráter autêntico de festa ao sábado não é a execução material do mandato divino, mas sim a contemplação das coisas divinas. Isso significa que o caráter festivo procede de uma forma específica com que se vê o mundo na sua relação com Deus. Essa observação é importante, porque Pieper observou que “o culto, antes de tudo, é uma expressão da mesma *afirmação* que constitui o festivo da festa”<sup>30</sup>. Em outras palavras, os gestos, as palavras e os símbolos usados no culto são uma maneira de afirmar o conteúdo da fé. Embora Pieper não tenha fundamentado essa tese na obra de Santo Tomás, cabe destacar que essa ideia pode ser vista explicitamente na seguinte passagem:

*As cerimônias são outras profissões de fé, em que consiste o culto interior; a profissão que o homem faz com as obras é tal qual aquela que faz com as palavras. Se o homem professa em uma ou em outra alguma falsidade, peca mortalmente. [...] As cerimônias antigas significavam a Cristo que nasceria e que padeceria, mas nossos sacramentos o significam como nascido e morto*<sup>31</sup>.

A tese de Pieper de que a festa nasce de uma afirmação sobre o mundo é particularmente importante, pois ela foi adotada por Ratzinger/Bento XVI em um ensaio sobre teologia litúrgica chamado *A festa da fé* (1981) para fundamentar a originalidade da oração cristã<sup>32</sup>. Nesse livro, Ratzinger retira de Pieper a noção de que “a liturgia tem por natureza um caráter de festa”<sup>33</sup> e que os gestos litúrgicos são tais que unem o

<sup>29</sup> III *Super Sententis* d. 37, q.1, a.5 qc 1; arg 1, ad 1.

<sup>30</sup> PIEPER, J. *op. cit.*, p. 40.

<sup>31</sup> S. Th. I-II q. 103, a. 4.

<sup>32</sup> RATZINGER, J. *La fiesta de la fe: Ensayo de teología litúrgica*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1999. p. 37.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 85.



interior e o exterior em um enriquecimento mútuo<sup>34</sup>. Resumidamente, a *celebração* é a *'fé-posta-em-rito'*<sup>35</sup>.

Sobre esse aspecto, a diferença entre a teologia sacramental de Santo Tomás e a teologia contemporânea está na ênfase, pois, seguindo São Gregório, o Aquinense também entendeu que os sacramentos eram celebrações<sup>36</sup>, viu que o elemento mais importante do culto é a sua dimensão interna<sup>37</sup> e possui uma teologia da celebração dos sacramentos<sup>38</sup>. Por isso, não seria exato dizer que existe uma evolução ou contraposição entre a teologia sacramental do Aquinense e a teologia litúrgica dos sacramentos. Pelo contrário, pode-se intuir uma complementaridade significativa entre as duas abordagens; pois, o termo *celebração* (cerimônia) indica o *gênero* em que se encontram unidas as cerimônias do Antigo e do Novo Testamento, enquanto o termo *causa instrumental da graça divina* é a *diferença específica* dos sacramentos da Nova Aliança. Desse modo, *pode-se dizer que a abordagem contemporânea se dedica ao estudo dos sacramentos a partir do gênero celebração, enquanto a abordagem clássica se dedica aos sacramentos no que se refere à espécie.*

Cabe destacar que a estrutura optada pelo Catecismo da Igreja Católica para tratar dos sacramentos corrobora com essa hipótese. Por um lado, o Catecismo chama a parte dedicada aos sacramentos de *celebração do mistério cristão*<sup>39</sup>, por outro lado, na parte referente a cada um dos sacramentos, trata das definições acerca dos seus *aspectos essenciais* (matéria, forma, ministro, sujeito e efeitos), tal como o fez Santo Tomás na Terceira parte da Suma Teológica<sup>40</sup>. É importante destacar que o Aquinense trata da teologia das celebrações/culto por três vezes na sua obra magna: no tratado das leis (*S. Th.* I-II q. 101-103), na virtude da religião (*S. Th.* II-II q.81-86) e no comentário sobre os ritos sacramentais (*S. Th.* III q. 66. 72. 83).

<sup>34</sup> *Ibid.*, p. 101.

<sup>35</sup> SODI, M. *op. cit.*, p. 190.

<sup>36</sup> *S. Th.* III, q. 84, a.1.

<sup>37</sup> *S. Th.* II-II, q. 81, a.7.

<sup>38</sup> Aqui entendemos a teologia da celebração como apresentada por Manilo Sodi, isto é, como a teologia da fé feita rito (SODI, M. *op. cit.*, p. 190.). Textos em que Santo Tomás interpreta teologicamente o rito dos sacramentos: *S. Th.* III, q. 66, a. 10 (rito do batismo), *S. Th.* III, q.72, a. 12 (rito da confirmação), *S. Th.* III, q. 83 (rito da Eucaristia).

<sup>39</sup> CATECISMO da Igreja Católica, 1066-1075.

<sup>40</sup> CATECISMO da Igreja Católica, 1212-1666.



No tratado das leis, as cerimônias são uma parte das leis divinas (*S. Th. I-II q. 98, a.2*). Essas, por sua vez, são uma explicitação interna da lei natural (*S. Th. I-II q. 91, a.4*), que é a participação do homem na lei eterna (*S. Th. I-II q. 94, a.1*). Por fim, a lei eterna é o princípio diretivo com que Deus ordena todas as coisas criadas ao seu fim (*S. Th. I-II q. 91, a.1*). A razão por traz dessa ordem é o que se chama providência divina (*S. Th. I q. 22, a.1-2*). Analogamente, o Aquinense entendia que a providência divina era análoga a providência humana (*S. Th. I q. 22, a.1*), que, por sua vez, é a faculdade humana responsável por fazer os planos (*S. Th. I q. 79, a.11*). Em outras palavras, *a partir do tratado das leis pode-se intuir que as cerimônias são uma parte do grande plano divino de salvação.*

Acerca da participação das cerimônias também são encontrados alguns elementos importantes. Em primeiro lugar, a religião é chamada virtude e, como tal, consiste em um hábito que direciona o homem para um ato bom que vale por si mesmo (*S. Th. I-II q. 55, a.1 ad 2*). Esse ato bom é a felicidade (*S. Th. I-II q.55, a.2, ad 3*) entendida como contemplação de Deus (*S. Th. I-II q.3, a.8*). Em segundo lugar, cabe destacar que a virtude da caridade é a alma de todas as virtudes (*S. Th. II-II q. 23, a. 8*) e que ela é definida como amor de amizade com Deus (*S. Th. II-II q.23, a.1*). Para o Angélico, o amor é o princípio do movimento que gera união entre aqueles que se amam (*S. Th. I-II q.28, a.1*); por isso, *o fim último de toda cerimônia religiosa é a visão da essência divina e a união amorosa com Deus.* Contudo, Cristo dizia aos seus discípulos: “Aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu o amarei e me manifestarei a ele [...]. Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará, e nós viremos a ele e nele faremos nossa morada” (*Jo 14, 21.23*). A celebração vivida como ato de contemplação e união amorosa com Deus *é uma ocasião da manifestação de Jesus Cristo naquele que crê e guarda sua Palavra.*

Sobre os ritos dos sacramentos, destaca-se o que dizia o Aquinense acerca da celebração da missa:

*A fim de que a significação seja mais perfeita, aquilo que se faz nos sacramentos é duplamente significado, isto é, por palavras e atos. São significados pelas palavras certas [sentenças] que pertencem à paixão de Cristo, que se representa neste sacramento, ou ao corpo místico, que é significado neste sacramento. [São significados pelas palavras] certos [ditos] que pertencem ao uso do sacramento, que deve ser com devoção e reverência. Portanto, na celebração deste mistério, certos [gestos]*



*são feitos para representar a paixão de Cristo ou a disposição do corpo místico; e outros [gestos] são realizados pela pertinência à devoção e à reverência do uso deste sacramento<sup>41</sup> (Tradução nossa).*

A relação entre palavra e gestos na missa apresentada aqui pelo Aquinense tem uma significação especialmente importante, pois visa compreender a celebração dos sacramentos como uma espécie de Palavra de Deus viva e encarnada. Viva porque volta a falar no ato litúrgica e encarnada, pois se manifesta também através de gestos, tal como Cristo o fez em vida. Para entender como a teologia dos gestos litúrgicos em Santo Tomás se vincula à *Paixão de Cristo, à disposição do corpo místico e à reverência ao sacramento*. Apresentamos abaixo, esquematicamente, a relação entre gestos e os três gêneros de significações dos gestos da missa.

<b>Teologia dos gestos<sup>42</sup></b>		
<b>Paixão</b>	<b>Corpo Místico</b>	<b>Reverência</b>
<b>Sinal da Cruz (ad 3, ad 4)</b>	Levantar as mãos (ad 5)	Lavar as mãos (ad 1)
<b>Estender os braços (ad 5)</b>	Incenso: graça como odor de Cristo (ad 2)	Incenso (ad 2)
<b>Mãos postas indicando a humildade de Cristo (ad 5)</b>	Parcela que se põe no cálice: Estados dos já ressuscitados (ad 8)	Cuidado com os fragmentos (ad 5)
<b>Volta-se para o povo como sinal da ressurreição (ad 6)</b>	Hóstia consumida: todos os cristãos em via (ad 8)	Lavar a boca na purificação do cálice (ad 10)
<b>Saúda o povo como sinal do dom do Espírito (ad 6)</b>	Hóstia conservada: cristãos sepultados (ad 8)	Celebrar com ao menos uma pessoa (ad 12)
<b>Fração da Hóstia [morte de Cristo] (ad 7)</b>	Guardar a comunhão para os doentes (ad 11)	

Vale ressaltar nesse ponto que os significados dos gestos apresentados por Santo Tomás não são apenas aqueles referentes à morte de Cristo, mas também reporta-se aos signos da ressurreição e do envio do Espírito Santo, ou seja, o sacrifício da missa contém gestos que se referem à Paixão, Morte e Ressurreição (Mistério Pascal) de Cristo.

<sup>41</sup> S. Th. III, q. 83, a.6.

<sup>42</sup> S. Th. III q. 83, a.6. Essa tabela foi pensada de modo a adaptar dito por Santo Tomás aos símbolos usados na Missa de Paulo VI, alguns detalhes próprios do rito que se celebrava no seu tempo não foram considerados para a composição desse esquema.



Esse encontro entre o culto prestado a Deus pela celebração do sacrifício e o ato de contemplação une a teologia da cerimônia de Santo Tomás e a teologia da festa de Pieper/Ratzinger. Como falamos antes, o próprio da festa é o tempo dedicado à contemplação da verdade e o mais excelente nesse tempo é o ato de sacrifício. O dia festivo por excelência da Igreja é o domingo, contudo as festas dominicais não são todas iguais. Elas se diversificam pelo mistério da vida de Cristo a ser celebrado naquele dia. A distribuição destes mistérios em tempos durante o ano constitui a estrutura do ano litúrgico. Há, contudo, um mistério que está contido em todos os outros em virtude da própria estrutura do sacrifício da missa: o *Mistério Pascal de Cristo*. Em todo o ano litúrgico, o sacerdote utilizará as palavras da última ceia, utilizará os sinais da cruz, a fração da hóstia e saudará o povo. Os gestos litúrgicos que simbolizam e atualizam o Mistério Pascal de Cristo estão presentes por todo o ano, por isso, o tempo dedicado a ele é o que maximamente une palavra e gestos. Por exemplo, na missa da Ceia do Senhor, a segunda leitura diz o que a Oração Eucarística faz.

Diante destes dados, torna-se mais claro o que se chamou celebração do mistério pascal de Cristo. Enquanto celebração, referimo-nos à festa que tem sentido no ato contemplativo da fé vivenciada no culto através de gestos e palavras conexos entre si; enquanto mistério, reportamo-nos ao plano divino de se manifestar aos homens no tempo da Igreja através dessas cerimônias; por fim, enquanto pascal, consideramos o conteúdo dos mistérios da vida de Cristo que, mais imediatamente, lograram à humanidade a salvação e que se encontram simbolizados nos gestos de toda celebração da Eucaristia.

## 2 O mistério Pascal no Missal de 1970

O termo *Paschale Mysterium* aparece 28 vezes no missal de 1970. Para exprimir os sentidos do termo no Missal Romano, vamos seguir a pesquisa realizada pela tese de doutorado do Ateneo Santo Anselmo de Roma intitulada *Paschale Mysterium studeamus habere perpetuum* (2020)<sup>43</sup>. Segundo Juan Javier Flores o mistério é, sobretudo,

---

<sup>43</sup> BALBINO, F. S. *Paschale Mysterium studeamus habere perpetuum*: Estudo do sintagma paschale Mysterium a partir da análise comparativa entre as eucologias do Missal Romano de 1570 e de 1970. Tese de doutorado. Ateneo Santo Anselmo, 24 de Janeiro de 2020.



uma realidade divina, uma ação salvífica de Deus que se manifesta no tempo e no espaço. É a epifania das ações salvíficas de Deus, o plano de redenção, oculto em Deus desde toda a eternidade, revelado e realizado por Cristo, para a Igreja. Desse modo, distinguem-se três significados de “Mistério”: O Mistério é, antes de tudo, *Deus mesmo*; é também a *revelação de Deus em Cristo* e, a partir do momento em que Cristo já não está visivelmente entre nós, “Mistério” é ainda o *culto e os Sacramentos*, onde então encontramos sua pessoa, sua obra salvífica, sua eficácia de graça<sup>44</sup>. Deste modo, há três sentidos básicos para a noção de Mistério Pascal: 1) uma parte significativa da totalidade do mistério de Deus (*metonímia do Mistério*), 2) a realização da revelação própria de Deus na *Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo* e 3) a *celebração da salvação cristã nos sacramentos*. A proposta desta seção é verificar como essas três acepções de mistério podem ser vistas nas ocorrências da palavra *Paschale mysterium* no Missal.

## 2.1 Metonímia de Mistério

No Missal de 1970, pode-se encontrar três ocorrências em que o sintagma *Paschale Mysterium* aparece como metonímia da totalidade do mistério de Deus: *no prefácio dos Domingos do Tempo Comum I*, *no prefácio dos domingos do tempo comum VI* e *na coleta da memória de Santa Rita de Cássia*.

*(Prefácio dos domingos do Tempo Comum, I) Que, pelo mistério da sua páscoa (paschale mysterium), realizou uma obra admirável. Por ele, vós nos chamastes das trevas à vossa luz incomparável, fazendo-nos passar do pecado e da morte à glória de sermos o vosso povo, sacerdócio régio e nação santa, para anunciar, por todo o mundo, as vossas maravilhas*<sup>45</sup>.

O Mistério pascal de Jesus Cristo, como uma obra admirável de salvação, encontra-se no centro da ação de graças dirigida ao Pai. A obra grandiosa, projetada pelo Pai, de reconciliar toda a humanidade, como manifestação da sua infinita misericórdia, foi realizada por Cristo na sua existência, culminando com a morte e ressurreição. A morte do Filho foi o sinal máximo de fidelidade ao Pai e a ressurreição, por sua

<sup>44</sup> FLORES, J. J. *Introducción a la teología litúrgica*, 128-131.

<sup>45</sup> MISSALE ROMANUM *ex decreto Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli PP. VI promulgatum*. Editio typica. Città del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 2008. p. 537 [Trad. CNBB, p. 428]. A partir daqui simplesmente: MR 2008, 537.



vez, o sinal da resposta ou da aceitação por parte do Pai. Trata-se de uma obra realmente maravilhosa, que suscita admiração, gratidão e louvor na comunidade cristã, reunida em assembleia eucarística.

É importante destacar que a expressão *paschale mysterium* aqui aparece como uma extensão da palavra *mysterium*. Isso se verifica pelas fontes litúrgicas usadas para a formação do prefácio. No texto do rito gelasiano antigo a palavra usada foi simplesmente *mysterium*<sup>46</sup>. A mesma coisa se pode perceber do rito veronense que utiliza uma expressão parecida falando do *mistério singular*<sup>47</sup>.

No sexto prefácio dos Domingos do Tempo Comum, também se encontra o termo mistério pascal como sinônimo da noção de mistério.

*Em vós vivemos, nos movemos e somos. E, ainda peregrinos neste mundo, não só recebemos, todos os dias, as provas de vosso amor de Pai, mas também possuímos, já agora, a garantia da vida futura. Possuindo as primícias do Espírito, por quem ressuscitastes Jesus dentre os mortos, esperamos gozar, um dia, a plenitude da Páscoa eterna (paschale mysterium)*<sup>48</sup>.

Com um tom escatológico e uma evidente dimensão trinitária, o texto dirige-se ao Pai como aquele que nos concede provas cotidianas do seu amor e ainda nos dá, já agora, a garantia da vida futura. Depois aponta para o Espírito, por meio do qual Jesus foi ressuscitado dentre os mortos e nós, possuindo dele as primícias, esperamos gozar, um dia, a plenitude do Mistério pascal. Nesse ponto, também se considera o mistério pascal como uma metonímia da totalidade do mistério de Cristo na vida do cristão.

Na coleta da memória de Santa Rita de Cássia, a Igreja pede ao Senhor que nos conceda a sabedoria da cruz e a força, com a qual Santa Rita foi enriquecida, a fim de que, pacientes, com Cristo, na tribulação, tenhamos a força de participar intrepidamente do seu Mistério pascal<sup>49</sup>.

<sup>46</sup> MOHLBERG, L.C.; EIZENHÖFER, L.; SIFFRIN, P. (ed.). *Sacramentarium Gelasianum* (RED Series Maior. Fontes 4). Roma: Herder, 1981. p. 589 (A partir daqui simplesmente GeV 589): “Cuius hoc mirificum opus ac salutare mysterium fuit, ut perditum dudum atque prostratum de diabolo et mortis aculeo ad hanc gloriam vocaremur”.

<sup>47</sup> PAREDI, A. (ed.). *Sacramentarium Bergomense*. Manoscritto del secolo IX della biblioteca di S. Alessandro in Colonna in Bergamo, (Monumenta Bergomensia 6). Bergamo: Monumenta Bergomensia, 1962. p. 1130: “Cuius ineffabilis gratiae circa nos hoc singulare mysterium est, ut dudum perditum atque prostratum ad eam nunc gloriam rediremos”.

<sup>48</sup> MR 2008, 542.

<sup>49</sup> MR 2008, 757.



## 2.2 Paixão, Morte e Ressurreição

Há outras ocasiões em que o sintagma *mysteryum paschale* aparece como sinônimo específico dos três dias em que Cristo padeceu, morreu e ressuscitou. Isso se pode ver na introdução da liturgia do Domingo de Ramos, onde a exortação diz que vamos iniciar, com toda a Igreja, o Mistério pascal de nosso Senhor e que, a imitação do Senhor, necessitamos também entrar na cidade de Jerusalém<sup>50</sup>. No texto se pode depreender que a noção de mistério pascal se refere apenas ao núcleo fundamental do mistério.

No sábado após o segundo domingo da páscoa, a oração coleta<sup>51</sup> faz uma súplica dirigida a Deus pedindo para que Ele remova o vínculo escrito segundo a lei do pecado. Essa lei, portanto, Ele anulou em nós, por meio do Mistério pascal, aqui entendido como a ressurreição do Senhor. O texto da oração possui sua fonte bíblica na Carta aos Colossenses, quando o autor declara que nós estávamos mortos por nossas faltas e Deus – que ressuscitou Jesus Cristo dos mortos –, nos vivificou juntamente com Cristo. Ele perdoou toda as nossas faltas, apagou o título de dívida que existia contra nós em detrimento das ordens legais<sup>52</sup>.

A esse respeito, François-Xavier Durrwell, em sua obra intitulada “*La risurrezione di Gesù, mistero di salvezza*”, demonstra o quanto a ressurreição de Jesus Cristo constitui o centro da salvação. A nossa salvação reside no ligame morte-ressurreição, sendo Cristo a nossa Páscoa. Para o apóstolo Paulo, a morte não é um valor absoluto e estático, mas se abre à glória<sup>53</sup>. A crucifixão e a ressurreição não são dois eventos separados e sim dois aspectos de um único Mistério. Apesar da aparência, a *kenosis* era um movimento em direção à glória. Essa prorrope no mesmo ponto em que a *kenosis* se torna total<sup>54</sup>.

A segunda coleta, no *Missale Romanum*, também traz uma expressão do mistério pascal quando diz: “Deus, que quisestes que os teus fiéis entrassem pela porta da misericórdia através dos *mistérios pascais*, olha

<sup>50</sup> MR 2008, 272.

<sup>51</sup> MR 2008, 393. “Depélle, Dómine, conscríptum peccáti lege chirógraphum, quod in nobis pascháli mystério per resurrectionem Christi Filii tui vacuásti”

<sup>52</sup> Cl. 2,14.

<sup>53</sup> Fl. 2,6-11.

<sup>54</sup> F.-X. DURRWELL. *La risurrezione di Gesù, mistero di salvezza*. Roma: Città Nuova, 1993. 51-54.



por nós e tende misericórdia de nós”<sup>55</sup>. É importante mencionar que, em seu estado inicial (Rito gelasiano antigo<sup>56</sup> e Monza<sup>57</sup>), o texto refere-se a Deus afirmando que Ele desejou fazer com que os fiéis entrassem pela porta da misericórdia. O Missal da reforma conciliar, portanto, acrescenta única e significativamente o dado de que a passagem pela porta da misericórdia deu-se através dos Mistérios pascais.

Na Coleta da missa votiva *De Sanctissima Eucharistia*, percebe-se uma íntima relação entre o mistério pascal de Cristo e a redenção humana.

*O Deus que realizastes a obra da redenção humana pelo mistério pascal (mysterium paschale) de vosso Filho, concedei que, proclamando a morte e a ressurreição de Cristo, confiantes nos sinais do sacramento possamos colher cada vez mais os frutos da salvação*<sup>58</sup>.

A *anamnesis* da oração faz memória do Mistério pascal de Cristo como o instrumento pelo qual Deus realizou a obra da redenção humana. Na intercessão, pede-se a Ele que possamos colher cada vez mais os frutos da salvação, proclamando a morte e ressurreição de Cristo e confiantes nos sinais dos Sacramentos.

### 2.3 Celebração da salvação

A noção de que a expressão *mysterium paschale* pode ser vista como sinônimo de rito litúrgico se pode ver em uma gama de passagens. Na quarta-feira de cinzas, lê-se: “E assim reconhecendo que somos pó e que ao pó voltaremos consigamos, pela observância da Quaresma, obter o perdão dos pecados e viver uma vida nova, à semelhança do Cristo ressuscitado”<sup>59</sup>.

A novidade do texto do Missal Romano de 1970 é a nota pascal inserida na conclusão, inexistente nas quatro orações dos missais precedentes. Desse modo, no Missal da reforma conciliar, a intercessão feita a Deus na oração “*Deus, qui humiliatióne flécteris*” é que os fiéis, uma vez

<sup>55</sup> MR 2008, 393. “Deus, qui misericórdiæ iánuam fidélibus tuis per paschália mystéria patére voluísti, réspice in nos et miserére nostri, ut, qui voluntátis tuæ viam, te donánte, séquimur, a vitæ numquam sémitis deviémur”.

<sup>56</sup> GeV 557.

<sup>57</sup> *Das Sakramentar von Monza* 380.

<sup>58</sup> MR 2008, 1162.

<sup>59</sup> MR 2008, 197.



prossequindo na observância da Quaresma, possam celebrar o Mistério pascal de Cristo com o coração purificado. Essa mudança estabelecida no texto reflete a afirmação da *Sacrosantum Concilium*, segundo a qual a Quaresma dispõe os fiéis à celebração do Mistério pascal<sup>60</sup>.

O prefácio da Tentação do Senhor<sup>61</sup> refere-se à nossa participação na vitória pascal de Cristo, hoje, através da celebração da Páscoa anual, na expectativa de passarmos com Ele à páscoa eterna. Nesse sentido, a Páscoa anual não é uma meta e sim uma etapa do caminho que nos conduz, como um povo renovado, rumo à ceia pascal do Cordeiro imolado e glorioso. Após esse “caminho quaresmal”, chega-se ao seu “resultado escatológico final”, para além da morte, na Páscoa do Reino com Cristo Jesus: da luta à vitória, do jejum à alegria plena, todos reunidos em torno do banquete celestial<sup>62</sup>.

Na Coleta da quinta-feira após o 3º domingo da Quaresma, lê-se:

À medida que se aproxima a festa da salvação (*Dies salutiferae festivitatis*), nós vos pedimos, ó Deus, que nos preparemos com maior empenho para celebrar o mistério da Páscoa (*mysterium paschale*). Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo<sup>63</sup>.

A oração “*Maiestatem tuam*”, do Missal de 1970 e do Sacramentário Gregoriano, recitada na metade do tempo da Quaresma, recorda o lugar para onde o itinerário batismal e penitencial quer conduzir os fiéis: “*Dies salutiferae festivitatis*”. O texto chama de “festa da salvação” aquela que no final recebe o nome de “*paschale mysterium*”. Por Mistério pascal entende-se aqui a celebração da Páscoa anual. Seja “festa da salvação” seja “Mistério pascal”, trata-se do mesmo acontecimento considerado, contudo, sob dois aspectos: Da parte de Cristo, a Páscoa como evento histórico e, da nossa parte, a Páscoa nos seus efeitos salvíficos concretos. Jesus passa desse mundo ao Pai através da sua paixão, morte, sepultura, ressurreição e ascensão. Para nós, a Páscoa é a festa na nossa salvação, isto é, Páscoa de Cristo que atualiza em nós a redenção, como atesta o Prefácio da Páscoa, I: “Ele é verdadeiramente o cordeiro

<sup>60</sup> SC 109.

<sup>61</sup> MR 2008, 207: “ut, *paschale mysterium* dignis méntibus celebrátes, ad pascha demum perpétuum transeámus.”

<sup>62</sup> FALSINI, R. *Rendiamo grazie*. Commento ai prefazi dell’anno liturgico. Ponteranica (BG): Centro Eucaristico, 2001. 40-42.

<sup>63</sup> MR 2008, 234.



que tira o pecado do mundo. Aquele que, morrendo, destruiu a nossa morte e ressurgindo reparou a vida”<sup>64</sup>.

Na terça-feira após o quarto domingo da Quaresma, a oração coleta também trata do Mistério Pascal como celebração: “Ó Deus, que a fiel observância dos exercícios quaresmais prepare o coração dos vossos filhos e filhas para acolher com amor o mistério pascal (*mysterium paschale*) e anunciar ao mundo a salvação”<sup>65</sup>. De modo semelhante ao texto apresentado anteriormente, também aqui se identifica o Mistério pascal com Mistério de salvação, pois a súplica é que, através dos exercícios quaresmais, os corações sejam preparados para acolher com amor o Mistério pascal e anunciar ao mundo a salvação.

Na oração pós-comunhão do Domingo de Páscoa<sup>66</sup>, encontra-se uma eucologia quase idêntica as suas fontes antigas, alterando apenas a palavra *resuscitata* pela palavra *renovata*. Em seu estado inicial, o texto suplica a Deus que a Igreja “ressuscitada” pelos Mistérios pascais possa chegar à luz da ressurreição. O Missal da reforma conciliar, por sua vez, achou por bem se expressar suplicando que a Igreja alcance o esplendor da ressurreição “renovada” por esses Mistérios pascais.

A “Oração sobre as oferendas” da Vigília Pascal conhece um grande número de fontes, seja na liturgia romana seja não romana: Sacramentário Gelasiano, Gregoriano, Missale Franciscanum Regulae, Missal Romano de 1474, Sacramentário de Praga, Missal Aquileyensis, Missal de Mateus, entre outros<sup>67</sup>. No estudo de Juan Manuel Sierra López, a alegria da Páscoa ocupa o núcleo desta oração *Super Oblata*, que se repete sete vezes durante o tempo Pascal<sup>68</sup>. A súplica dirigida a Deus é que Ele nos conceda alegrarmos sempre, celebrando os Mistérios pascais, a fim de que a operação contínua da nossa redenção se torne causa de alegria eterna. Desse modo, fica evidente que a nossa salvação se dá na celebração do Mistério pascal que celebramos constantemente.

<sup>64</sup> MR 2008, 530.

<sup>65</sup> MR 2008, 245.

<sup>66</sup> MR 2008, 379. “Perpétuo, Deus, Ecclésiám tuam pio favóre tuére, ut, paschálibus renováta mystériis, ad resurrectionis pervéniat claritátem”.

<sup>67</sup> BALBINO, F. S. *Paschale Mysterium studeamus habere perpetuum*, p. 129-131.

<sup>68</sup> SIERRA LÓPEZ, J. M. *Las Oraciones repetidas en la tercera edición latina del Misal Romano: Oraciones sobre las ofrendas*, 36-77.



As outras seis ocasiões em que essa mesma oração sobre as oferendas se repete no Missal da reforma conciliar verificam-se nas datas que descrevo na sequência: terça-feira depois do segundo domingo da Páscoa<sup>69</sup>, quarta-feira após o terceiro domingo da Páscoa<sup>70</sup>, quarto domingo da Páscoa<sup>71</sup>, terça-feira depois do quarto domingo da Páscoa<sup>72</sup>, quarta-feira após o quinto domingo da Páscoa e ainda na terça-feira após o sexto domingo da Páscoa<sup>73</sup>.

Na segunda feira do quarto domingo da Páscoa<sup>74</sup>, a oração coleta refere-se a Deus como luz perfeita dos santos e que que Ele nos concedeu celebrar, na Terra, os Mistérios pascais. Na Sexta-feira após o quinto domingo da Páscoa, a Coleta<sup>75</sup> pede ao Senhor que nos conceda apropriarmos dos Mistérios pascais de modo conveniente: celebrando-os com alegria, eles nos guardam e nos salvam com incessante potência. Por fim, na oração pós comunhão do segundo formulário na Comemoração de todos os fiéis defuntos<sup>76</sup>, a oração expressa um forte sentido pascal e escatológico, que pode ajudar nas celebrações dos defuntos<sup>77</sup>. O uso do termo “*paschale Mysterium*” é feito no plural. Intercede-se em favor dos nossos irmãos falecidos, a fim de que, purificados pelos Mistérios pascais, alegrem-se com a futura ressurreição.

## 2.4 Vida nova em Cristo

A Oração da Sexta Feira da Paixão do Senhor<sup>78</sup> recorda que sua ternura e misericórdia do Senhor são eternas e pede que Ele santifique e proteja sempre os seus filhos, em favor dos quais o Cristo instituiu o Mistério pascal com o seu sangue. Nesse caso, o mistério pascal já é entendida com a vida nova que nasce da cruz de Cristo. Esta acepção é melhor percebida na oração sobre as oferendas da vigília pascal, que diz:

---

<sup>69</sup> MR 2008, 389.

<sup>70</sup> MR 2008, 399.

<sup>71</sup> MR 2008, 403.

<sup>72</sup> MR 2008, 405.

<sup>73</sup> MR 2008, 419.

<sup>74</sup> MR 2008, 404.

<sup>75</sup> MR 2008, 415.

<sup>76</sup> MR 2008, 861.

<sup>77</sup> SIERRA LÓPEZ, J. M. Las Oraciones repetidas en la tercera edición latina del Misal Romano: Oraciones después de la comunión, *EL* 122 (2008) 328-366.

<sup>78</sup> MR 2008, 313.



“Acolhei, ó Deus, com estas oferendas as preces do vosso povo, para que a nova vida que brota do mistério pascal (*Mysterium paschale*), seja por vossa graça penhor da eternidade”<sup>79</sup>.

Em suas notas históricas e litúrgicas sobre o Missal romano publicadas em 1922, Ildefonso Schuster comenta essa *Secreta* da Vigília pascal. É interessante notar sua referência ao texto chamando-o “Coleta de preparação à anáfora consagratória”. O comentário é o que segue:

*Na Coleta de preparação à anáfora consagratória, implora-se ao Senhor que acolha as orações do seu povo juntamente com a oferta do sacrifício, de modo que, iniciado no Sacramento pascal pela graça do Batismo e da Comunhão, se obtenha verdadeiramente fazer um remédio para a eternidade*<sup>80</sup>.

O texto possui um sentido de oblação, próprio das orações *Super Oblata*. Os fiéis levam ao altar os dons e as orações, conforme observa Matias Augé<sup>81</sup>. As orações *Super Oblata* normalmente partem da realidade humano-religiosa da oferenda, com significado cósmico e oblato, entregando a Deus os dons e também os oferentes, a fim de que, mediante a poderosa ação divina, possam obter os efeitos sobrenaturais do sacrifício de Cristo<sup>82</sup>. Na noite mais importante, a Igreja reza essa oração supramencionada, pedindo duas coisas: que o Senhor receba nas oferendas as súplicas do seu povo e que os Mistérios pascais que celebramos nos sejam, por sua ação transformadora, remédio para a eternidade. Na visão de Cornelio Urtasun, trata-se de uma maneira elegante de pedir o dom da imortalidade na noite da ressurreição de Jesus Cristo, graças à ação medicinal da Eucaristia<sup>83</sup>. O termo “*paschale Mysterium*” é utilizado no plural e ocupa o lugar de centro: a nova vida que recebemos, isto é, o Batismo brota dos Mistérios pascais. Na monição para a renovação das promessas do batismo, lê-se: “Meus irmãos e minhas irmãs, pelo

<sup>79</sup> MR 2008, 374.

<sup>80</sup> SCHUSTER, R. *Liber Sacramentorum*. Note storiche e liturgiche sul Messale Romano, vol. 4. Torino-Roma: Pietro Marietti, 1922. 70.

<sup>81</sup> AUGÉ, M. II Messale Romano di Paolo VI e Giovanni Paolo II. Sviluppo nella continuità, *RL* 97/3 (2010), 355-369.

<sup>82</sup> SUSTAETA, J. M. *Misal y Eucaristía*. Estudio teológico, estructural y pastoral del nuevo Misal Romano (Series Valentina 3). Valencia: Facultad de Teología San Vicente Ferrer, 1979. 117-131; SIERRA LÓPEZ, J. M. Las Oraciones repetidas en la tercera edición latina del Misal Romano: Oraciones sobre las ofrendas, *EL* 122 (2008), 36-77.

<sup>83</sup> URTASUN, C. *Las oraciones del Misal*. Escuela de espiritualidad de la Iglesia (BL 5). Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 1995. 243.



mistério pascal fomos sepultados com Cristo para vivermos com ele uma vida nova. Por isso, terminados os exercícios da quaresma, renovemos as promessas do nosso batismo<sup>84</sup>. O texto afirma que, pelo Mistério pascal, fomos sepultados com Cristo, no Batismo, para vivermos com ele uma vida nova.

Por fim, no sábado após o sexto domingo da páscoa<sup>85</sup>, o termo Mistério pascal assume, nesse texto, um sentido existencial: pede-se a Deus que Ele forme as nossas almas para praticarmos as obras boas. A finalidade desse pedido é para que, buscando sempre o que é melhor, possamos viver constantemente o Mistério pascal.

Esta última citação mostra que é possível distribuir os usos do sintagma *mysterium paschale* em quatro gêneros de sentidos: *mistério*, *núcleo da vida de Jesus*, *celebração da salvação* e *a vida nova em Cristo*. Esses quatro sentidos estão contidos na conclusão vista na seção anterior, quando se estudou a teologia do mistério e a teologia da celebração. Por essa razão, parece-nos correto supor uma convergência entre o modo de tratar o mistério pascal sob aspecto moral e o modo como ele se manifesta nos livros litúrgicos.

## Conclusão

No início deste artigo, foram levantadas duas perguntas: por que a celebração do mistério pascal exige 40 dias de penitência em preparação? Não seria mais fácil simplesmente celebrar o ato de culto sem a necessidade de alteração moral? A segunda pergunta respondemos na seção 1.1, quando mencionamos que os *atos litúrgicos celebrados são a participação no mistério de Cristo e que tal participação supõe fé e vida*. A primeira pergunta respondemos na seção 1.2, quando entendemos que as celebrações vividas como ato contemplativo são uma ocasião da manifestação de Jesus Cristo aquele que crê. Desta forma, preparar-se é análogo a preparar-se para encontrar Cristo. A preparação da quaresma se torna um ícone da preparação que se tem durante toda a vida para encontrar a Deus de maneira definitiva.

A terceira pergunta implícita que se fez, referia-se à questão de saber se essa interpretação não seria uma moralização indevida da

---

<sup>84</sup> MR 2008, 372.

<sup>85</sup> MR 2008, 431.



liturgia. Dado que não estava provado que o uso litúrgico da expressão mistério pascal era convergente com seu significado na teologia moral. Esse problema parece ter se resolvido quando se encontrou os sentidos do termo no Missal coerentes com os sentidos encontrados na seção 1.

## Referências Bibliográficas

AUGÉ, M. Il Messale Romano di Paolo VI e Giovanni Paolo II. Sviluppo nella continuità. *Rivista Liturgica* 97/3 (2010), 355-369.

BALBINO, F. S. *Paschale Mysterium studeamus habere perpetuum*: Estudo do sintagma paschale Mysterium a partir da análise comparativa entre as eucologias do Missal Romano de 1570 e de 1970”. Tese de doutorado. Ateneo Santo Anselmo, 24 de Janeiro de 2020.

BEZERRA, H. R. F. “Religião oficial e os cultos de mistério: questões sobre a religião romana e os cultos orientais” *XVII semana de História UECE: História, Teoria e Metodologia: Entre práticas e saberes*. Disponível em: <http://www.uece.br/eventos/xviisemanadehistoriauece/anais/trabalhos.html>. Acesso em: 4 jan. 2023.

BRAGANÇA, J. O. (ed.). *Missal de Mateus*. Manuscrito 100 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1975.

BURKERT, W. *Cultos místéricos antiguos*. Madrid: Trotta, 1987.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto original no latim. São Paulo: Loyola: Ave Maria: Paulinas: Paulus; Petrópolis: Vozes, 2011.

CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire de mots*. Paris: Éditions Klincksieck, 1968.

DOLD, A.; GAMBER, K. (ed.). *Das Sakramentar von Monza (im cod. F1/101 der dortigen Kapitelsbibliothek) ein aus Einzel-libeli redigertes Jahresmessbuch*. Beuron: Kunstverlag, Beuron 1957.

DURRWELL, F.-X. *La risurrezione di Gesù, mistero di salvezza*. Roma: Città Nuova, 1993, 51-54.

ELIADE. M. *História das Crenças e das Ideias Religiosas*. Tomo II. Volume II. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1983.



FABRY, H. J., “sôd”. In: BOTTERWECK, J. G.; RINGGREN, H. – FABRY, H. J. (org.). *Theological dictionary of the Old Testament*. Michigan: W. M. B. Eerdmans publishing company, 1974.

FALSINI, R. *Rendiamo grazie*. Commento ai prefazi dell’anno liturgico. Ponteranica (BG): Centro Eucaristico, 2001.

FINELON, V. *A teologia do mistério: aspectos bíblico-patristicos, teológico-litúrgicos e magisteriais*. Dissertação do departamento de teologia (24/06/2016). Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26825/26825\\_3.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26825/26825_3.PDF). Acesso em: 4 jan. 2023.

FLORES, J. J. *Introducción a la teología litúrgica*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2003.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. (org.). *A Greek-English lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1996.

MISSALE ROMANUM *ex decreto Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli PP. VI promulgatum*. Città del Vaticano: Editio typica Typis Polyglottis Vaticanis, 2008.

MOHLBERG, L.C.; EIZENHÖFER, L.; SIFFRIN, P. (ed.). *Liber Sacramentorum Romanae Aeclesiae ordinis circuli* (Cod. Vat. Reg. Lat 316/ Paris, Bibl. Nat. 719. 1/56) *Sacramentarium Gelasianum* (RED Series Maior. Fontes 4). Roma: Herder, 1981.

PAREDI, A. (ed.). *Sacramentarium Bergomense*. Manoscritto del secolo IX della biblioteca di S. Alessandro in Colonna in Bergamo, (Monumenta Bergomensia 6). Bergamo: Monumenta Bergomensia, 1962.

PAULO VI. *Carta Apostólica sob a forma de Motu Proprio Mysteriorum Paschalis*. Disponível em: *Mysterii Paschalis: sobre a celebração do Mistério Pascal aprovando as normas universais do Ano Litúrgico e o Novo Calendário Litúrgico* (14 de fevereiro de 1969) | Paulo VI (vatican.va). Acesso em: 26 jun. 2023.

PIEPER, J. *Una teoría de la fiesta*. Madrid: RIALP, 1974.

RATZINGER, J. *Introducción al cristianismo*. Salamanca: Sígueme, 1970.

RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré: desde o batismo até a Transfiguração*. São Paulo: Planeta, 2009.



RATZINGER, J. *La fiesta de la fe: Ensayo de teología litúrgica*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1999.

REGAN, P. The Centrality of the Paschal Mystery in the Missal of Paul VI. *Worship* 90 (mar. 2016), 126-137.

SANZI, E. *Cultos Orientais e Magia no Mundo Helenístico – Romano: Modelos e Perspectivas Metodológicas*. Organização e Tradução: Silvia Márcia Alves Siqueira. Fortaleza: EDUECE, 2006.

SCHUSTER, R. *Liber Sacramentorum. Note storiche e liturgiche sul Messale Romano*, vol. 4. Torino-Roma: Pietro Marietti, 1922.

SIERRA LÓPEZ, J. M. Las Oraciones repetidas en la tercera edición latina del Misal Romano: Oraciones después de la comunión. *Ephemérides Liturgicae* 122 (2008), 328-366.

SIERRA LÓPEZ, J. M. Las Oraciones repetidas en la tercera edición latina del Misal Romano: Oraciones sobre las ofrendas. *Ephemérides Liturgicae* 122 (2008), 36-77.

SODI, M. “Celebração”. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (org.). *Dicionário de Liturgia*. Trad.: Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1992.

SPIDLIK, T., “Mística”. In: DI BERARDINO, A. (org.). *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 946-947.

SPIDLIK, T. *La espiritualidad del oriente cristiano*. Burgos: Monte Carmelo, 2004.

SUSTAETA, J. M. *Misal y Eucaristía. Estudio teológico, estructural y pastoral del nuevo Misal Romano* (Series Valentina 3). Valencia: Facultad de Teología San Vicente Ferrer, 1979.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica: A bem-aventurança, os atos humanos e as paixões da alma: I seção da II parte, questões 1-48*. v. 3. São Paulo: Loyola, 2005.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica: os hábitos e as virtudes, os dons do Espírito Santo, os vícios e os pecados, a lei antiga e a lei nova, a graça: I seção da II parte, questões 49-114*. v. 4. São Paulo: Loyola, 2005.

TUZIK, R.; RINDENKNEHRT, J. *et al. The Liturgy Documents: Foundational Documents on the Origins and Implementation of Sacrosanctum Concilium* v. 3. Chicago: Liturgy Training Publications, 2013.



URTASUN, C. *Las oraciones del Misal*. Escuela de espiritualidad de la Iglesia (BL 5). Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 1995.

VOEGELIN, E. *Ordem e História*. v. 1. São Paulo: Loyola, 2009.